



DIÁLOGOS ENTRE A PROSA GRACILIANA E A LÍRICA DRUMMONDIANA¹

Célia Sebastiana SILVA²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o diálogo que os temas do tempo e da memória estabelecem na lírica de Carlos Drummond de Andrade, na prosa de Graciliano Ramos e, por extensão, nos romances de urbanização, produzidos na década de 30.

O homem, como sujeito histórico que é, move-se pelo tempo e no tempo. Esse tempo que gira, gira, gira e escraviza e se fragmenta e se impõe e flui, deixando para trás rastros ilimitados de lembranças que se abarcam no espaço da memória.

É também no tempo que o contexto sócio-político-econômico-moral-cultural vai se definindo de uma ou de outra forma. Assim também é com a arte. E assim é que na década de 30, surge, no cenário da literatura brasileira, dois grandes escritores: o destro poeta gauche, prenunciado por um anjo torto e o grande Graça, o embaixador nordestino dessas tantas vidas secas. Um na poesia, outro na prosa. Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos.

Mas antes de qualquer proposta de trabalhá-los, há que se indagar: além da época em que apareceram na cena literária, que mais os aproximam? Resposta óbvia para um estudioso que conhece ainda que rasamente a obra de ambos: a princípio, eles se aproximam pela força expressiva e pelo tom conciso, preciso e denso que conferem à linguagem.

Outras semelhanças há, é claro, e a nossa proposta é exatamente trabalhar o ponto em que, apesar da diferença de gênero, a narrativa de Graciliano é colocada em consonância com a lírica drummondiana. Trata-se do modo como um e outro abordam a questão do tempo e da memória em suas obras.

Estaremos lançando foco, com maior acuidade, para *Angústia*, obra representativa do romance de urbanização em que o tempo se faz presente de modo muito significativo. De igual forma, veremos na poesia de Drummond a importância com que é tratado o tempo, especialmente, quando ele se torna

1 Trabalho apresentado originalmente ao final da disciplina O Romance de Urbanização, no curso de Mestrado em Letras e Linguística da UFG.

2 Mestranda em Estudos Literários pela UFG.

mais concreto, mais visível. O tempo em que “cada hora é fixada no ar, na alma e continua soando na surdez”. (Andrade, 1992, p.590). É o tempo do homem urbano, especialmente do homem que trocou a vida besta de uma cidadezinha qualquer ou de uma fazenda pela vida angustiante (e talvez mais besta ainda) da cidade grande.

É, enfim, esse tempo que faz um Luís da Silva de *Angústia*, um Carlos de *O amanuense Belmiro*, um sujeito lírico na poesia bandeiriana ou drummondiana, que faz, afinal, o homem moderno estar num constante abrir dos baús guardados nos espaços mais recônditos da memória.

Não estaremos, portanto, rigorosamente limitados aos dois escritores citados, estaremos, sim, falando da prosa e da lírica moderna; do romance de urbanização; da literatura no sentido geral; e das angústias que o tempo e o espaço provocam. Estaremos, enfim, falando da vida, da vida besta, minguada, atormentada pelas agruras desse mundo moderno.

Se o tempo é a matéria da poesia de Drummond, como ele declara em “Mãos dadas” (Andrade, 1992, p.68), também aqui nesse trabalho, ele é nossa matéria. O tempo presente e, também, o tempo passado. E o homem presente que aqui tem relevo é esse homem que inquieta-se, angustia-se, fragmenta-se, perde-se e move-se, atormentado, pelo e no tempo.

1 O tempo

1.1 Um tique-taque emperrado

Hugo Friedrich, comentando sobre a lírica moderna, diz que: Nas grandes cidades, a técnica e o conteúdo vital das massas atraem, na mesma medida em que atormentam, como se fossem novos estímulos, e trazem por outro lado, novas experiências de desolação.(1991, p.166).

Essa afirmação leva-nos a pensar não só na lírica moderna, mas na literatura e nos demais modos de expressão artística como um todo. O conflito que a cidade grande acarreta é mostrado e sentido não só pelos poetas. Ele está impregnado no homem moderno, reduzindo-o “a um mínimo” (ibidem), tornando-o cada vez mais um níquel social.

É o que vemos, por exemplo, nos chamados “romances de urbanização”, em que os romancistas se enchem de uma certa subjetividade lírica para expressar, num texto em prosa, essa tormenta que a cidade impõe. É o que demonstra Cyro dos Anjos nesse trecho de *O amanuense Belmiro*:

A multidão me revela, assim, que há coisas extraordinárias, vibrações estranhas, há um mundo diverso do meu e com o qual tentarei, em vão, comunicar-me (...)

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito, poucas são as imagens do presente e muitas do passado(p.18).

Tal se agrava quando o espaço urbano se confronta com um passado rural ou com a vida besta de uma cidadezinha do interior. Nesse ponto é que o tempo assume caráter fundamental.

É o caso de *Angústia*, em que o personagem Luís da Silva, na qualidade de “percevejo social”, como ele próprio se define, sente-se desorientado, fragmentado num tempo visível – o relógio é um signo sempre recorrente nesse romance – mas que não se move ordenadamente. A cidade impõe o tique-taque, mas o personagem está em dissonância com a cidade. Daí não perceber o eco do tempo: “Mas no tempo não havia horas. O relógio da sala de jantar estava parado” (Ramos, 1982, p.226); daí povoar seu universo basicamente pelos habitantes da memória. Octávio de Faria chama a atenção para o fato de que as personagens da memória têm mais força e poder sugestivo nesse romance (in:1984, p.271); daí, também, buscar refúgio no passado: “Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não posso me esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranqüilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou” (Ramos, 1982, p.20).

Voltando, porém, à lírica moderna, vemos que ela também abarca esse conflito temporal - presente/passado – gerado por um suposto problema espacial - campo ou província/cidade grande. É o que se vê na poesia drummondiana.

Vários são os poemas em que o poeta evoca o passado e coloca-o em comparação com o presente:

Aqui ninguém bate palmas. Toca-se campainha
A batida era alegre ou dramática ou suplicante ou serena.
A campainha emite um timbre sem história.
A casa não é mais a casa itabirana.

Tenho que me adaptar? Tenho que viver a casa ao jeito da outra casa, a que era eterna – Mobiliá-la de lembranças, de cheiros, de sabores, de escondedijos, de pecados, de signos, só de mim sabidos. E de José, de mais ninguém.(Andrade, 1992, p.685).

Um presente sempre mobiliado de lembranças do passado. Eis o que encontramos na poesia de Drummond e nos romances de urbanização. E ainda:

o relógio que demarca o tempo cronológico, apesar de bastante presente, parece não ter corda suficiente para mover-se, daí causar uma espécie de “efeito de imobilidade e paralisia” (Gil, 1997) no tempo seqüencial. E o tique-taque, emperrado, funciona apenas como “um som para ser ouvido no longilongo do tempo da vida” (Andrade, 1992).

1.2 Um pretérito mais-que-perfeito?

É interessante notar que da mesma forma que, em Drummond, o passado evolui para o presente em forma de decadência – o eu-lírico, que se confunde com o próprio poeta, muda da condição de quem teve ouro, gado, fazenda para um mero funcionário público –, também em *Angústia* fica evidente, e de forma muito mais acentuada, essa condição de decadência. Tal se expressa, de maneira latente, no próprio nome das personagens que se encurtam de geração a geração: de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, avô, passa a Camilo Pereira da Silva, pai, e a Luís da Silva, neto. A dignidade vai se encurvando paralelamente ao curvar do tempo. Como se vê, nos três, a mediocridade, a fraqueza de personalidade, a condição de pobre-diabo, de percevejo social é diretamente proporcional a essa redução de nomes.

Pior, porém, que um seu Ivo, por exemplo, que, no romance, não chega a ser sequer um níquel social, tão inexpressivo é o seu valor, Luís da Silva é, ainda como em Drummond, um funcionário público e com tendências literárias. Isso lhe dá um poder maior de consciência sobre a sua condição – “Essa consciência de inferioridade era contagiosa” (Ramos, 1982, p. 190) – e lhe confere uma lucidez excessiva sobre seu “desarranjo interior”, sobre seus conflitos, sobre sua angústia.

Essa situação é que remete Luís da Silva ao passado, mas o passado não lhe serve de suporte, de referência, porque também é desarranjado. Então, a excessiva lucidez funde passado e presente e vai se emaranhando numa sucessão de idéias e imagens caóticas, projetadas velozmente no vaivém infinito do espaço real e do espaço da memória: “A verdade é que muitas vezes perguntei a mim mesmo se realmente ouvia barulhos. Perguntei naquele tempo ou perguntei depois? Não sei. Tenho me esforçado por tornar-me criança – e em consequência misturo coisas atuais e coisas antigas” (Ramos, 1982, p. 17).

Como essa espécie de superposição de tempo e espaço que se dá na narrativa de Graciliano, uma narrativa que ao final indagamos onde está o enredo, em Drummond, vemos, em alguns de seus poemas, isso também ocorrer. É o que percebemos nesse poema em que uma marca do passado rural acaba por povoar o cenário urbano do momento presente:

Manhã cedo passa
à minha porta um boi
de onde vem ele
se não há fazenda?

Vem cheirando o tempo
entre noite e rosa
para à minha porta
sua lenta máquina.

Alheio à polícia
Anterior ao tráfego
ó boi, me conquistas
para outro, teu reino. (Andrade, 1992, p.1167).

A esse respeito, Affonso Romano de Sant'Anna assim comenta a obra de Drummond:

A descoberta e conquista espaço-temporal empreendida pelo gauche acarretam uma crescente complexidade no estudo da temporalidade. Mais o personagem se movimenta e transita em cena, mais os extremos se tocam, mais os planos se superpõem e os jogos de luz produzem ilusão de ótica.(1980, p.103).

Tanto na lírica drummondiana, como na prosa graciliana e nos romances de urbanização em geral, a complexidade na estrutura da temporalidade faz-se presente de forma inquestionável. Podemos, inclusive, buscar explicações de cunho psicológico, filosófico, psicológico, histórico ou de qualquer outra natureza, mas o que realmente fica é que as personagens desse enredo temporal movem-se num tempo e num espaço um tanto quanto opressivo que acaba por remetê-los a um pretérito. Não a um pretérito perfeito e, também, não inteiramente imperfeito, mas com certeza, a um pretérito que serve de refúgio, que machuca, que dói quando é revisitado.

2 A memória

2.1 Um abrir de baús

O tempo passa, passa e a história vai se tecendo, cheia de acontecimentos que marcam a infância, a juventude, a vida em família. E a nossa memória, como um baú, vai armazenando tudo: a cidadezinha, o casarão, a mobília, os

cheiros, os sabores, os esconderijos, os pecados, os signos todos e, principalmente, os hóspedes do passado.

E, à medida que o tempo vai passando, o baú da memória sempre se abre, quando uma situação presente remete a um fato passado; quando a vida presente se faz por demais áspera e o passado serve como refúgio ou, ainda, quando a memória é o único meio de trazer à tona as “coisas mortas, muito mortas”.

Momentos há, também, em que o conteúdo da memória transborda; o baú enche-se por demais e faz-se necessário expressá-lo de alguma forma. Isto é o que ocorre com o romance de urbanização, com Graciliano e com o poeta gauche que têm várias de suas produções alimentadas com o conteúdo da memória. E as lembranças, que sempre surgem e ressurgem, vêm carregadas de certa inquietação, de um sentimento de falta, mais que isso, de uma ausência que é, na verdade, um estar-em-si com os outros, com os habitantes, com os objetos, com os espaços da memória:

Há um abrir de baús
e de lembranças violentas
porém nada dizia.

No deserto de Itabira
As coisas voltam a existir
(...)
Pisando livros e cartas
viajamos na família.
Casamentos, hipotecas;
os primos tuberculosos;
a tia louca; minha avó
traída com as escravas
rangendo sedas na alcova
porém nada dizia. (Andrade, 1992, p.91)

E é sobre a memória que o crítico Antônio Cândido, comentando a obra de Graciliano Ramos, chama-nos a atenção para o fato de que: “à medida que os livros passam, vai se acentuando a necessidade de abastecer a imaginação no arsenal da memória, a ponto do autor, a certa altura, largar de todo a ficção em prol das recordações que a vinham invadindo de maneira imperiosa”(1964, p.98).

Tal observação, pertinente a nosso ver, e restrita à obra de determinado autor, poderia estender-se ao chamado “romance de urbanização”. Essa “ne-

cessidade de abastecer a imaginação no arsenal da memória”, talvez explique a quase ausência de enredo em tais romances e a aproximação que eles mantêm com a lírica.

Em se tratando de Graciliano Ramos, no entanto, mais que uma aproximação com a lírica pelo caráter subjetivante da prosa, ele dispõe de uma força expressiva de linguagem e de um estilo a tal ponto singular que difere-se de qualquer aproximação com o que se define da lírica e da prosa convencionais.

Nesse sentido, Otto M^a Carpeaux diz, no posfácio de *Angústia*, que o lirismo de Graciliano Ramos “é bem estranho. Nada tem de musical, nada do desejo de dissolver em canto o mundo das coisas”(1982, p.239).

Obviamente, para ele, o mundo das coisas é por demais desencantador para ser dissolvido em canto. Mas o lirismo existe. Estranho, seco, áspero, mas existe. E se nele o mundo real, o mundo palpável, o mundo presente não se dissolve em canto, dissolve-se, com frequência, na memória, através de recordações inúmeras que fundem-se, confundem-se e impulsionam os fatos presentes.

Em *Angústia*, temos a impressão de que existe um único personagem: Luís da Silva. E também uma única ação principal: Lembrar. Dar corda, não no tique-taque cansado do relógio, mas no coração. Re-cordar. Essa ação é que impulsiona o fato central, qual seja, o assassinato de Julião Tavares. É o que confirma essa observação: “São realmente essas recordações que, através das vozes da memória de uns e de outros (...), levam para a frente, impelem mais e mais Luís da Silva e estrangular Julião Tavares” (Faria, 1984, p.271).

Curioso notar, ainda, como na referência inicial de Antônio Cândido, o uso dos termos “memória” e “recordação”. É com base neles que Emil Staiger estabelece a seguinte diferença, assim se referindo ao tempo passado: “O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro de recordação” (1975, p.55).

Inflexivelmente falando de gêneros, então, teríamos Graciliano Ramos abordando o passado como memória e Drummond como recordação, mas sabemos do tênue limite entre eles (os gêneros), e, dessa forma, não há como ser tão taxativo assim.

Aliás, se memória ou recordação não é o que apetece muito, o mais relevante é que em Graciliano, como em Drummond, a lembrança se faz útil, se faz necessária, tem o poder de impulsionar o tempo, as ações e, quem sabe, restabelecer a própria essência do homem. Nesse sentido é que afirma Bergson:

No que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as

lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia que lhe confere a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final (1990, p.147).

E a história de cada um vai-se construindo e, inevitavelmente, a memória é o ponto que junta, fio-a-fio, os resíduos do tempo e os tece, de modo a deixá-los adormecidos até que uma situação nova os desperte.

2.2 Lembrar para não esquecer

Não é novidade falar na teoria do “negar para afirmar” na poesia drummondiana. A presença, bastante recorrente, do “não” é uma forma de ele estar dizendo “sim: não faça versos sobre acontecimentos” e ele faz; “não cantes tua cidade” e ele canta; “não recomponhas tua sepultada e merencória infância” e ele recompõe. E assim vai. Da mesma forma, ocorre, nesse mesmo sentido, o esquecer para lembrar. O passado que, aparentemente, compõe-se mais de perdas que de ganhos – já nos referimos à questão da decadência – e por isso seria plausível esquecê-lo, está fortemente lembrado na poesia do poeta gauche. O esquecer para lembrar passa a ser, então, um lembrar para não esquecer e aí é que a memória assume papel relevante, pois ela é que guarda todas as lembranças que figuram nesse contexto. Isso também pode ser verificado nos “romances de urbanização”.

Das coisas que se encontram no baú da memória e que são lembranças bastante recorrentes, tanto em Drummond como em Graciliano, são os vultos do passado que se enlaçam pela “identidade do sangue”. A família, a figura do pai especialmente, está sempre povoando as lembranças de Luís da Silva, em *Angústia*. Com relação ao pai, as lembranças são, quase sempre, negativas, deformadas, expressionistas até:

Pensava nos pés de Camilo Pereira da Silva, sujos, com tendões da grossura de um dedo, cheio de nós, as unhas roxas. Eram magros, ossudos, enormes. O resto do corpo estava debaixo do lençol branco, que fazia um vinco entre as pernas compridas. Eu não podia ter saudade daqueles pés horríveis, cheios de calos e joanetes (p.18).

Na poesia drummondiana, essa recorrência não é menos presente, embora a imagem do pai seja menos pessimista:

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,
o desconforto deste chão. Mas sempre amaste

o duro, o relento, a falta. O frio sente-se
em mim, que te visito. Em ti, a calma.

(...)

Guardavas talvez o amor
em tripla cerca de espinhos (Andrade, 1992, p.147-8).

Nesse aspecto, a mudança de espaço da campo ou da vila para a cidade grande – ganha importância fundamental. A família fica para trás, num tempo longínquo como ficam, também, num espaço longínquo, as casas, os móveis, o relógio, a fotografia na parede e tudo mais é estranhamente áspero e não familiar. O momento presente, o espaço presente enchem-se de um vazio biográfico e só a capacidade de expressão, de verbalização, de manifestação poética é capaz de preencher esse vazio. Afinal, “poesia é memória, que se inscreve no preciso momento da perda” (Sant’ Anna, 1980, p.102).

E se sondarmos os “pobres-diabos” que figuram nos romances de urbanização, em geral, vemos que todos, ou quase todos, têm alguma tendência literária; guardam um pouco da inquietação, da necessidade de expressar-se, de eternizar suas angústias na memória escrita, de modo que essas lembranças jamais possam ser esquecidas.

3. Conclusão

De tudo fica um pouco. Um pouco do olhar lírico de Drummond na poesia. Um pouco do lirismo seco e “amusical” de Graciliano na prosa. Um pouco do fazendeiro do ar. Um pouco do funcionário público. Um pouco das angústias do homem moderno. Um pouco do tédio da cidade. Um pouco das marcas do passado no presente. Um pouco dos rastros da família, da infância na memória.

E ficam, também, resíduos da poesia drummondiana na prosa graciliana e resíduos da prosa graciliana na poesia drummondiana, estabelecendo uma relação forte e cúmplice de diálogo entre a produção de um e outro.

Esse diálogo travado por meio e à custa de palavras ligadas ao tempo, ao espaço, à memória, à vida urbana, ao contexto da produção modernista da década de 30, não se limita aos autores e temas abordados, tão somente.

Sabemos que as produções artísticas, em geral, estão sempre em diálogo umas com as outras. Assim, se fôssemos analisar mais amplamente os romances de urbanização, por exemplo, com certeza, iríamos constatar a presença de questões bastante semelhantes no que diz respeito a tempo e memória em vários deles.

Retratar os dramas e angústias humanas; tematizar o homem despotica-

mente escravizado pelas horas na cidade grande e se referencializando no passado, não é exclusividade de uma obra, em específico. É o material da arte. É o material da vida. Usá-los com mestria: eis o desafio. Eis o que fazem Drummond e Graciliano – essas duas grandezas de nossa literatura.

ABSTRACT

SILVA, Célia Sebastiana da. Dialogues between the prose by Graciliano and the lyric by Drummond. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.3, jun.1999.

The objective of the present work is to reflect on the dialog that the themes about the time and the memory establish in the lyrics by Carlos Drummond de Andrade, the prose by Graciliano Ramos and, by extention, the urbanization romances, produced in the decade of the 30's.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond, *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. São Paulo: Nacional, 1964
- DACANAL, J. H. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- FARIA, Octávio de. Graciliano e o sentido do humano. In: RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991
- GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. IEL/UNICAMP, 1997. Tese de Doutorado.
- MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- POUILLON, Jean. *O tempo do romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.